

Asencio: não será preciso mais um empréstimo-ponte

O Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Diego Asencio, destacou, ontem, dois pontos importantes, após encontros com os ministros Delfim Netto, do Planejamento, e Ernane Galvêas, da Fazenda: 1º, o empréstimo "junbo" de US\$ 6,5 bilhões dos bancos internacionais ao Brasil "está tão perto de ser assinado, que não vejo necessidade para a concessão de um empréstimo-ponte do Tesouro norte-americano destinado ao fechamento das contas brasileiras", e 2º que não existe a possibilidade de negociação da dívida externa brasileira diretamente de governo-a-governo, "pelo menos até que um gênio descubra a fórmula para isso".

Os dois encontros foram separados — o de Delfim, no Planejamento, e o de Galvêas, da Fazenda — e o embaixador os classificou de encontros de cortesia, já que está assumindo a representação dos Estados Unidos no Brasil. Mas, não se furtou a afirmar que assuntos relacionaos com as negociações sobre a dívida externa brasileira foram tratados. Sobre o assunto se disse, por diversas vezes "otimista". Comentou que os US\$ 150 milhões que o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, está negociando em Nova Iorque e que faltam para fechamento do "junbo" não devem tardar, mesmo com a relutância de alguns bancos regionais norte-americanos em preencher suas cotas. "Os últimos milhões são sempre os mais demorados de conseguir", comentou.

Diego Asencio disse que esteve com Delfim "para rever um velho amigo", mas considerou que o Governo brasileiro deve tratar dos problemas de sua dívida externa diretamente com os bancos credores, porque eles são privados "e o governo não pode exercer controle sobre eles. A negociação de governo a governo é uma teoria interessante, mas não tenho visto a maneira de concretizar, a gente sempre procura fórmulas novas. É fácil imaginar, mas difícil de fazer".

O embaixador norte-americano acha, porém, que o Brasil tem conseguido superar relativamente bem os problemas que o administração de sua dívida externa. "A equipe brasileira tem conseguido fazer boas negociações. Mas tenho que admitir que sou um otimista".

Empresários

O embaixador afirmou que receberá, hoje, na Embaixada, nove dos maiores empresários de firmas norte-americanas com sede em São Paulo, para conhecer as queixas e reivindicações do setor. "Não posso adiantar nada sobre as

pré-condições para aumentar os investimentos de risco de empresas dos Estados Unidos no Brasil. Este deverá ser um dos temas da conversa: definir toda a problemática referente ao capital estrangeiro no País e suas novas possibilidades de crescer e diversificar de setor.

Asencio disse que falou sobre a dívida externa brasileira com Galvêas, mas, sem entrar em detalhes. "Aliás, foi um completo **tour d'horizon**, falamos de tudo e de nada", disse, esclarecendo que isto faz parte de seu aprendizado sobre as coisas do Brasil — visitar ministros, retomar contatos dos anos em que servi anteriormente no Brasil.

O incidente

O Embaixador afirmou que o incidente da semana passada, com o deputado norte-americano, Stephen Solarz, não deverá ter maiores consequências para as relações Brasil-Estados Unidos. Solarz afirmou, na ocasião, que somente agora o Brasil está dando sinais de sair das sombras da ditadura. "Estou convencido de que os militares brasileiros devem mesmo voltar para os quartéis", disse durante um jantar na embaixada, motivando a saída de alguns convidados brasileiros, entre eles o embaixador Asdrubal Ulyssea.

Segundo Asencio, é função da embaixada convencer e informar os americanos que nada sabem sobre o Brasil. "Mas, ao cumprir esta missão, enfrentamos o risco de que alguns digam coisas inapropriadas e até que se publiquem estas declarações nos jornais. Isso faz parte de um sistema de liberdade de expressão. Acredito, porém, que o incidente já terminou, não haverá maiores repercussões".

O embaixador afirmou, ainda, que Solarz "deve ter expressado uma opinião puramente pessoal. Como vocês sabem, o deputado é do partido democrata e, portanto, da oposição, assim, ele não poderia veicular uma manifestação de governo. Além disso, como conheço o Congresso e a opinião pública norte-americanas, acredito que as declarações de Solarz representam sua avaliação pessoal".

Despedida

Também o embaixador da Inglaterra, George Hardying, que esteve com Delfim para despedir-se, já que está deixando a embaixada do Brasil para ocupar a coordenação de Assuntos Internacionais para assuntos de Américas e Oceania, disse não ter dúvidas de que o Brasil vai superar seus problemas com a dívida externa e sair da crise econômica em que se encontra.